

PJ - Constituição e representação da identidade de um aluno índio

Valéria Calderoni¹
Antonio Brand²

Resumo

Neste trabalho analisamos os discursos a partir das lentes do campo teórico dos Estudos Culturais, tendo a cultura como constituidora de todos os aspectos da vida social. E como referência para esta discussão problematizamos os conceitos de identidade, diferença, alteridade e povos indígenas. Utilizamos as orientações teóricas de Hall (2000), Silva (2000) e Skliar (2003). Cabe destacar que as representações que povoam o cotidiano escolar e se naturalizam nos discursos circulantes, acabam por construir identidades, ou seja, o sujeito/aluno índio é constantemente construído por práticas históricas e sociais de sua cultura. Esses discursos apontam a escola como um lugar cultural, fazendo circular significados sobre os sujeitos/alunos índios, posicionando-os através das práticas discursivas. Pode-se dizer, no presente trabalho, que nos discursos dos alunos há um conjunto de representações em torno do que significa ser índio. Isto significa, também, compreender como a identidade indígena foi constituída social e culturalmente, tendo presente que tal constituição se da a partir das marcas culturais, das relações de poder e do momento histórico que a legitimou. Verificamos, ainda, como estes discursos contribuem para pensar a alteridade deste aluno indígena.

Palavras-chave: identidade, diferença, alteridade e povos indígenas

PJ - Shaping and representing an indigenous student's identity

Abstract

In this paper we analysed discourses through the Cultural Studies lens with culture as shaping all aspects of social life. For this discussion we problematised concepts of identity, difference, otherness, and indigenous folks. We used theoretic guides by Hall (2000), Silva (2000) and Skliar (2003). It is worth noting that representations in the school daily life and current discourses end up building identities, that is, the subject/ indigenous student is constructed by historic and social practices of his/her culture. These discourses show the school as a cultural site, causing meanings about subjects/ indigenous students to circulate, positioning them through discursive practices. In this paper we can say that, in students' discourse, there is a set of representations about what means to be indigenous. This also means to understand how the indigenous identity was socially and culturally shaped, taking into account that this constitution

¹ Aluna do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação, na Linha 03-Diversidade Cultural e Educação Indígena da UCDB e bolsista CAPES (lela_13613@yahoo.com.br).

² Docente e pesquisador do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da UCDB e coordenador do Programa Rede de Saberes e do Programa Kaiowá/Guarani/NEPPI (brand@ucdb.br).

occurs from cultural markers, relations of power and the historical moment that have legitimated it. We have also found how these discourses help us to think of this indigenous student's otherness.

Keywords: identity, difference, otherness and indigenous peoples

INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute os resultados de uma pesquisa em escola pública de ensino fundamental do município de Campo Grande, MS, no qual buscamos apresentar como os discursos dos alunos desta escola interferem sobre a identidade de um colega indígena. O objetivo é problematizar como os discursos que circulam nesta escola contribuem e interferem na reafirmação das identidades por eles construídas. Entendemos que as identidades e as diferenças culturais estão imbricadas nos discursos e estes são resultado de intermináveis processos de representações. Procuramos problematizar as representações e sua relação com a identificação/diferenciação deste aluno PJ³, o que implica em perceber os discursos dos alunos como co-produtores da identidade de um colega indígena.

Buscamos novas leituras a partir do campo teórico dos estudos culturais e pós-coloniais, apoiados, especialmente, nos conceitos de cultura, alteridade, diversidade, igualdade/diferença e em autores como Bhabha (2003), Hall (1997, 2005), entre outros, buscando rever o conceito de diferença étnica, entendido, nesse texto, como um espaço de entre - lugar de formação identitária. O campo teórico aqui explicitado permite-nos entender que o processo de produção das identidades, dos estereótipos e das representações, para citar apenas alguns dos conceitos mais relevantes na formulação desse texto, vem marcados e perpassados por disputas de poder nem sempre explicitados.

Apoiados na concepção de cultura, apontada por Hall (1997)⁴, buscamos perceber os discursos sobre este aluno índio produzidos no cotidiano dessa escola sob um “outro” olhar, não naturalizado, regularizado, ou normalizado, como são apresentados os discursos ativos e as representações sobre esses

³ PJ refere-se a uma das identificações atribuídas pelos colegas ao aluno indígena da escola na qual se realiza a presente investigação. PJ, para os colegas do espaço escolar, é uma abreviatura de Pajé, outra identificação a ele atribuída pelos mesmos colegas.

⁴ Entendemos aqui cultura na perspectiva apontada por Hall (1997), como “uma maneira de olhar e interpretar os processos sociais e culturais”. Ou, ainda, como um campo de luta entre diferentes grupos sociais em torno da significação, na expressão de Silva (2003).

povos no entorno social. A análise dos discursos dos alunos investigados e sua contribuição na delimitação da identidade cultural do colega PJ adquirem relevância porque contribui para o desvendamento das relações de poder em operação naquele espaço. É importante lembrar aqui a afirmação de Dayrell (1996), de que a escola é um “espaço sociocultural”, no qual, cotidianamente, sentidos e representações são produzidas e, através das práticas discursivas circulantes, identidades são produzidas ou mudadas, posicionando os vistos como outros, através de processos marcados pela ambivalência.

CULTURA E IDENTIDADE - CONCEITOS ANTIGOS COM NOVOS SIGNIFICADOS

Para Hall (1997), a cultura, nas últimas décadas, reassumiu um papel central nas teorizações sobre os processos sociais, como disseminadora de significados e relevante no posicionamento social e cultural dos sujeitos. Nas palavras de Hall (1997, p.22):

A expressão “centralidade da cultura” indica aqui a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, *mediando* tudo. A cultura está presente nas vozes e imagens incorpóreas que nos interpelam das telas, nos postos de gasolina. Ela é um elemento-chave no modo como o meio ambiente doméstico é atrelado, pelo consumo, às tendências e modas mundiais.

Nesse sentido, é, também, a cultura que nos permite compreender os movimentos cotidianos de disputas discursivas que marcam o ambiente escolar e que produzem identidades, posicionam sujeitos e estabelecem fronteiras entre o eu e o outro.

Hall apresenta esses novos tempos, como de revolução no pensamento humano, ou, ainda, como uma “virada cultural”. Reconhece a cultura “como uma condição constitutiva da vida social, ao invés de uma variável dependente” (HALL, 1997, p. 27). Para esse autor (1997), os significados são determinados em diversas instâncias sociais. São fluídos e circulam através de diferentes processos e práticas discursivas, sendo esse um processo de significação não permanente, instável e ambivalente. Ou seja, o sujeito/aluno é constantemente construído por práticas históricas e sociais produzidas no âmbito de sua cultura e que, por sua vez, constituem essa mesma cultura.

Por isso, no âmbito dessa pesquisa sobre os processos identitários em curso no ambiente escolar, envolvendo o sujeito/aluno PJ, consideramos

necessário revisitar, na expressão de Bhabha (2003), o conceito de cultura, superando concepções “substantivas” e essencialistas em direção a uma concepção mais fluída e em constante re-elaboração. Bhabha (2003) refere-se a uma concepção híbrida, ativa e transnacional, permitindo um trânsito de experiências entre nações e a constante criação de novos significados para símbolos culturais.

As leituras pós-coloniais de Bhabha (2003) nos possibilitam pensar a cultura como entre - lugar, como um espaço no qual sujeitos historicamente silenciados, discriminados, e em posição de poder subalternizada e os outros, subalternizados ou não, presentes naquele mesmo espaço, interagem e negociam, na expressão de Bhabha (2003) identidades e novas relações de poder. O foco da pesquisa nos entre - lugares, na relação, no transito e/ou na negociação, que exige uma percepção de cultura dinâmica, constantemente atualizada no bojo dos processos sociais discursivamente explicitados, permite exatamente apreender e trazer à tona os complexos processos de negociação e as relações de poder que perpassam os processos identitários, porém, muitas vezes não explicitados.

Esse olhar coloca, como diz Bhabha (2003), *sob suspeita* as instituições tradicionais, como a família e a escola e o seu papel na sociedade. Partindo da “centralidade da cultura”, uma nova forma de abordar questões historicamente recorrentes, como identidade e cultura, que passam a ocupar um “outro” espaço no cenário escolar, abrindo um novo campo de possibilidades para a educação, em especial, para a abordagem das diferenças cada vez mais presentes nos espaços escolares.

O foco na centralidade da cultura, constantemente atualizada nos entre - lugares (BHABHA, 2003), entendidos, por isso mesmo, também, como espaços privilegiados de produção de identidades, ou, ainda, como espaços de posicionamento dos sujeitos/alunos, permite redirecionar a ação pedagógica. Precisamos perceber que a cultura está permeada por práticas e discursos que silenciosamente posicionam os sujeitos. Parece ser esse o caso do nosso aluno PJ, frente à carga discursiva dos colegas, que o posicionam e o fazem assumir ou não sua identidade indígena, um discurso móvel e ambivalente quando o assunto é sua identidade.

Entendemos que é a partir da cultura – permeada e atualizada por relações de poder em operação no ambiente escolar e entre os alunos, colegas de PJ, que se torna possível entender, também, os processos que posicionam, classificam, incluem ou excluem e/ou legitimam identidades.

IDENTIDADE E REPRESENTAÇÃO: LENDO AS DIFERENÇAS

Segundo Hall (2001), as identidades estáveis e fixas do passado, do sujeito da modernidade precisam ser deslocadas para possibilitar que novas e múltiplas identidades sejam inventadas, não mais como identidades fixas, únicas, mas sim como sujeitos fragmentados, com identidades móveis, ambivalentes, inacabadas, sempre em processo de construção e reconstrução.

Ao falar de identidades, Hall (2005, p.13) afirma que estas são uma “celebração móvel”, “[...] definida historicamente e não biologicamente”. Para o autor, “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. Completa: “ao invés disso, na medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis”. Entendendo, assim, que cada uma delas poderia “nos identificar - ao menos temporariamente” (HALL, 2005, p.13).

Hall (1997, p.26) problematiza a construção de nossas identidades no interior da representação, argumentando que “[...] a identidade emerge, não tanto de um certo interior, de um ‘eu verdadeiro e único’, mas do diálogo entre os conceitos e definições que são *representados* para nós pelos discursos de uma cultura e pelo nosso desejo...”. E acrescenta: “nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente”. Ou seja, “as identidades se posicionam por meio dos sistemas simbólicos dos discursos em que são representadas” (HALL, 1997, p.26).

A representação atua simbolicamente para “classificar o mundo e as nossas relações no seu interior” (HALL, apud, WOODWARD, 2000, p.8). Ou seja, a identidade atua por meio da significação, pelo significado que lhe é atribuído social e culturalmente. Silva (2000, p.90) nos adverte que, “nesse contexto, a representação é concebida como um sistema de significação, mas descartam-se os pressupostos realistas e miméticos associados com sua concepção filosófica clássica”.

De acordo com Silva (2000, p.89), “a identidade e a diferença estão estreitamente ligadas a sistemas de representação”, ou seja, é também pela representação que a diferença e a identidade se atrelam aos sistemas de poder. Para o autor, “quem tem o poder de representar tem o poder de definir a identidade”. E acrescenta: “questionar a identidade e a diferença significa, nesse contexto, questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação” (SILVA, 2000, p.91).

Cabe destacar que as representações que povoam o cotidiano escolar e se naturalizam nos discursos circulantes, acabam por construir identidades, ou seja, o sujeito/aluno índio é constantemente construído por práticas históricas e sociais de sua cultura. Esses discursos apontam a escola como um lugar cultural, fazendo circular significados sobre os sujeitos/alunos índios, posicionando-os através das práticas discursivas. Pode-se dizer, no presente trabalho, que nos discursos dos alunos há um conjunto de representações em torno do que significa ser índio. Isto significa, também, compreender como a identidade indígena foi constituída social e culturalmente, tendo presente que tal constituição se dá a partir das marcas culturais, das relações de poder e do momento histórico que a legitimou. Verificamos, ainda, como estes discursos contribuem para pensar a alteridade deste aluno indígena.

DISCURSOS E AS MANIFESTAÇÕES COTIDIANAS E RESISTÊNCIAS

Hall (2000, p.103), critica a ideia de uma “identidade integral, originária e unificada” e afirma que esta é uma visão essencialista da identidade. Segundo o autor, a identidade é um desses conceitos que operam “sob rasura” no intervalo entre a inversão e a emergência, uma ideia que não pode ser pensada da forma antiga e que certas questões-chaves não podem ser sequer pensadas.

O mesmo autor (2000, p.108), reafirma:

[...] as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.

Entendemos as diferenças culturais não como algo resultante “natural” dos sujeitos, mas sim, como um processo social posicional, ambivalente, que o sujeito se constitui e é posicionado através dos discursos. Nesse sentido argumenta Bonin (2007, p.46), “é na ação dos sujeitos situados como diferentes que se justificam e fortalecem certas representações que produzimos nestas relações assimétricas de poder”.

A ambivalência problematizada por Bhabha (2003) permite-nos entender que um indígena ora se identifica como índio e ora se apega a outras identidades genéricas, como a de paraguaio ou misturado, entre outros ou se desconecta do passado para escamotear as situações de conflito interétnico, historicamente construídas pelo colonizador, tornando-se seu processo identitário ambivalente.

Nessa direção observamos a fala do aluno PJ,

Eu gosto do meu nome. De PJ eu não ligo, mas quando me chamam de pajé eu não gosto. Desde o São Conrado quando me chamavam, então, eu ficava nervoso. Antigamente eu achava que pajé era uma coisa ruim, mas agora sei que não é, mas mesmo assim eu acho que me chamam de pajé para me ofender porque sou índio.

Quanto ao entender o que significa ser índio pela sociedade nacional há que se pensar sobre a idéia de índio associada a natureza, um cidadão que mora na mata, anda nu, de cara pintada, como se fosse a representação colonialistas de um índio “verdadeiro” que leva a construção de estereótipos e processo discriminatório pela sociedade envolvente. E diante dessa percepção o aluno PJ, apresenta algumas reflexões sobre sua identidade indígena. O aluno reflete e descreve suas representações:

Eu acho que sou indígena, pelo menos sou descendente de índio. Minha avó falava que eu era guarani. Eles falavam entre si guarani, uma língua estranha. Quando eu era pequeno eu achava que era bugre. Agora acho que sou índio misturado, pois quando eu paro um pouco e fico pensando, eu acho que pareço um índio. Eu acho que pareço um índio de verdade, não os índios da TV. Os índios da TV é muito diferente.

Considerando o processo civilizatório e problematizando como este foi estabelecido e ordenado pelo colonizador, por uma cultura homogeneizadora, percebemos como os discursos que circulam no espaço escolar do aluno PJ ainda tentam universalizar e homogeneizar a identidade indígena associando-a a representações ao um modelo pronto de ser índio.

Segundo Bhabha (2003), esse é um discurso colonialista, uma construção ideológica, que intencionalmente fixou na memória do colonizado um tipo de identidade que acaba por colocar discursivamente e historicamente conceitos e estereótipos a serviço do colonizador. A fixidez apresentada pode ser uma

possibilidade de compreender os discursos que circulam no espaço investigado. Sob fixidez, argumenta o autor (2003, p.105):

Um aspecto importante do discurso colonial é sua dependência do conceito de “fixidez” da construção ideológica da alteridade. A fixidez, como signo da diferença cultural/ histórica/ racial no discurso do colonialismo, é o modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca. Do mesmo modo, o estereótipo, que é sua principal estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre “no lugar” já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido ... como se a duplicidade essencial do asiático ou bestial liberdade sexual do africano, que não precisam de prova, não pudessem na verdade ser provadas jamais no discurso. É esse processo de *ambivalência*, central para o estereótipo...

Percebemos na fala de PJ que os discursos que o cercam ainda recorrem a estereótipos como índio selvagem, puro ligado a natureza a um modelo cultural e discursivo do passado estrategicamente pensado para não legitimar a diferença do “outro”. A análise da fala do aluno PJ permite-nos perceber que há uma fixidez discursiva e estereotipada sobre os povos indígenas, pois as representações de índios do seu entorno encontram-se conectadas à uma cultura exótica a uma condição primitiva não permitindo ao aluno investigado legitimar sua identidade indígena.

Destacamos a fala do aluno indígena para mostrar como os discursos que circulam nesse espaço escolar acabam por construir uma carga de significados, estereótipos e representações que, cotidianamente, vão se afirmando e legitimando as identidades construídas nesse espaço. Na entrevista o aluno trouxe uma reflexão interessante. Avalia que encontrou no nome PJ uma maneira de afirmar sua identidade indígena sem ser discriminado. Destacamos a fala do aluno:

Meus amigos me chamam de PJ e eu gosto. É uma abreviatura de pajé, mas PJ é mais carinhoso, não liga muito a eu ser indígena. Agora pajé liga mais a ser índio. A primeira coisa que os guris liga são as aldeias, os índios, a mata. Porque eles me chamam de indígena para me irritar, para me desqualificar. Porque o professor R falou que pajé era um curandeiro, o chefe da tribo. Eu não vejo os indígenas como os guris vêm. Eu vejo os indígenas como um povo que fala diferente, veste diferente.

Importante refletirmos com Gusmão, (2003, p.89) quando argumenta que “a questão da identidade do eu, portanto, passa pelo mundo onde estou, ao qual pertença e em que vivo, mas só é objeto de meu pensar como uma questão, um problema, quando me defronto com o outro diferente de mim e aí me pergunto: quem sou?”

Para autora, a constituição de nossa alteridade e identidade perpassa por relações de poder e pelos contextos sociais, políticos e culturais que estamos vivendo. Nesse sentido, afirma que:

A identidade e alteridade revelam, portanto, que o outro não é inexistente e estrangeiro, distante de nós e daquilo que constitui nosso mundo. O que a alteridade diz é que o outro existe e está no nosso mundo, como nós estamos no dele. É esse encontro que nos desafia e exige nossa definição. O eu e outro, como nós, é parte de um contexto relacional marcado, antes de mais nada, por relações de hierarquia e poder (GUSMÃO, 2003, p.89).

A busca por compreensão da complexidade das relações culturais na escola nos faz rever as noções, representações e estereótipos. E ao olhar para uma pessoa acabamos por reproduzir em nossos discursos as representações e relações de poder que esses olhar carrega consigo. Importante pensar nas relações de poder que os discursos carregam consigo pois nos permitem pensar na estratégia discursiva que o aluno PJ buscou para escamotear da posição de subalternidade em que é colocado pelos colegas por identificar-se com a cultura indígena. Entendemos que esse recurso discursivo PJ- aqui entendido como abreviatura de pajé - é uma estratégia que o entrevistado recorre para se identificar, pois em sua percepção PJ se difere de pajé

Nessa direção, observamos como o aluno PJ marca sua identidade indígena ao nos argumentar como e porque diferencia PJ de pajé, nomes usados pelos colegas para identificá-lo. Observamos sua explicação:

Quando me chamam de PJ é como amigo. Já pajé, é como índio, acho que tipo assim, quando os guris me chamam de pajé , quando fazem Uh!Uh! Uh! (coisas de índio) é para me zoar. Mas quando me chamam de PJ é de boa. Mas quando me chamam de pajé já começa a briga, me sinto ofendido, não de ser índio misturado, mas do modo como falam. Encontrei PJ como um jeito mais legal de ser índio.

PJ se refere ao modo como os colegas se referem a identidade indígena, importante apresentarmos a fixidez no discursos estereotipado sobre os povos

indígenas discursado pelos colegas, sempre que questionados as respostas remeteram e articularam a condição primitiva, conectada a uma cultura exótica, ao incapaz. Em seu dizeres afirmam:

Índio, só conheço os da reportagem, o índio é pelado de tudo. Tem o cabelo do Dantis Bibis – bem liso caído mas do índio é bem preto. Os índios são muito prejudicados, todos tomam suas terras, prefeitura fazem shopping, as pessoas constroem fabricas nas suas terras. (Antonio, 2010).

Penso que é o cara que anda sujo, chupa manga. Eu não gosto de chupar manga. O índio vive no mato, planta, caça, tem cara de índio, cara de índio de verdade, tem um jeito de andar e de se vestir diferente (Ernando, 2010).

O índio é diferente, ele fala outra língua, diferente de nós. Não sei que língua é, mas é bem diferente. Ele anda na ponta do pé, tem olho puchado. O índio não é brasileiro, ele tem pena atrás da cabeça, por isso que acho chato ser índio (André, 2010).

CONCLUSÃO

Apoiados nesta pesquisa é possível afirmar o quanto os indígenas são retratados de forma estereotipada, apresentado como selvagem. Neste sentido podemos perceber como os discursos nos informa, constroem verdades, crenças, valores e produzem significados que constroem as identidades índias, negras, homossexuais e tantas outras subalternizadas, construídas como “outras” e marcadas como desviantes, estranhas.

Interessante ressaltar que há nos discursos dos alunos um conjunto de representações em torno do que significa ser índio. Verificamos, ainda, como estes discursos contribuem para pensar a alteridade do aluno PJ.

Destacamos também que, a fala do aluno PJ aponta para percebermos que o recurso discursivo PJ é apresentado pelo aluno como uma estratégia de resistência, como uma forma, uma saída para afirmar sutilmente sua identidade indígena, para escamotear sua condição de estranho nesse espaço. Entendemos que a resistência construída por esse aluno evita o preconceito e os estereótipos apresentados nas falas dos colegas de sala. Face à dificuldade de afirmar sua identidade indígena frente ao estereótipo, a representação e a negação, PJ, constroem um entre - lugar (BHABHA, 2003), recriando um outro movimento, construindo um outro discurso, impedindo assim demarcações e barreiras rígidas na sua identificação, na sua relação.

REFERENCIAS

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

BONIN, Iara Tatiana. *E por falar em povos indígenas...: quais narrativas contam em práticas pedagógicas?* Tese de Doutorado, Educação da UFRGS, 2007.

DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, J (org.). *Múltiplos olhares sobre a educação e cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996. (136-161).

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. Os desafios da diversidade na escola. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. (Org.). *Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados*. São Paulo: Biruta, 2003.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.22, n. 2, p.15-46, jul./dez.1997.

_____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz T. da Silva e G. Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed., 11ª reimp.- Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (org.). *Teoria cultural e educação. Um vocabulário crítico*. 6º ed. Belo Horizonte: Editora Contemporânea, 2000.

_____. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T.T.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org). *Identidade e diferença. A perspectiva dos Estudos Culturais*. 6º ed. Petrópolis: Vozes, 2000.